

A luz da fé (8): O caminho da libertação: do pecado à graça

O pecado entrou na humanidade através de um exercício errado da liberdade, mas o “faça-se em mim segundo a tua palavra” que Maria pronunciou abriu uma nova etapa na História: o Filho de Deus desceu à terra para dar a vida num ato supremo de liberdade, porque se originou no Amor.

01/07/2018

Depois de Adão e Eva comerem do fruto da árvore proibida, o Senhor “depois de ter expulsado o homem, colocou, a oriente do jardim do Éden, os querubins com a espada flamejante, para guardar o caminho da árvore da Vida.”(*Gen 3,24*) O drama da história humana começou: o homem e a mulher caminhariam como exilados da sua verdadeira pátria, que se caracterizava pela comunhão com Deus. Dante expressa isso de um modo belo no início da sua *Divina Comédia*: “No meio do caminho em nossa vida, / eu me encontrei por uma selva escura / porque a direita via era perdida”[1]. No entanto, esta caminhada não é uma noite sem luz: o Senhor também anunciou uma esperança: “Farei reinar a inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a

dela. Esta esmagar-te-á a cabeça e tu tentarás mordê-la no calcanhar.”
(*Gen 3,15*). A vinda de Cristo marcaria a passagem do pecado para a vida da graça.

A “culpa” original

É o conhecimento de Deus que dá origem ao sentido do pecado, e não o contrário. Não entenderemos o pecado original e as suas consequências, enquanto não percebermos, primeiro, a bondade de Deus ao criar o homem, assim como a grandeza do seu destino. O Catecismo da Igreja Católica afirma: “O primeiro homem não só foi criado bom, como também foi constituído num estado de amizade com o seu Criador, e de harmonia consigo mesmo e com a criação que o rodeava; amizade e harmonia tais, que só serão ultrapassadas pela glória da nova criação em Cristo.”[2].

O pecado de Adão e Eva introduziu uma rutura fundamental na unidade interna do ser humano. A submissão da vontade humana à Vontade divina, que era a pedra chave do arco das faculdades corporais e espirituais da natureza humana, foi quebrada pela desobediência a Deus. Então, ao remover a pedra, o arco inteiro desmoronou. Como consequência, “A harmonia em que viviam, graças à justiça original, ficou destruída; o domínio das faculdades espirituais da alma sobre o corpo foi quebrado (cf. *Gen* 3, 7)[3]“.

Este primeiro pecado é chamado pecado original, e é transmitido, juntamente com a natureza humana, de pais para filhos, com a única exceção, por privilégio de Deus, de uma pessoa: Nossa Senhora. “Pela desobediência de um só homem todos se tornaram pecadores” (*Rom* 5,19), diz São Paulo. Certamente, essa realidade é difícil de entender, até

um pouco escandalosa para a consciência atual: “Eu não fiz nada, porque tenho que carregar esse pecado?”

O Catecismo da Igreja Católica aborda esta questão: “É um pecado que vai ser transmitido a toda a humanidade por propagação, quer dizer, pela transmissão duma natureza humana privada da santidade e justiça originais. E é por isso que o pecado original se chama «pecado» por analogia: é um pecado «contraído» e não «cometido»; um estado, não um ato.”[5]. Refletindo sobre isso, Ronald Knox escreveu que “evitaríamos muito trabalho se combinássemos chamar ao pecado original culpa original. Porque o pecado, de acordo com a mentalidade do homem comum, é algo que ele mesmo comete, e a culpa é algo que lhe pode corresponder sem qualquer falta da sua parte”[6].

E é isso o que acontece com o pecado original: os nossos primeiros pais pecaram e, ao fazê-lo, perderam a santidade e a justiça originais que Deus lhes tinha dado e a sua natureza foi “ferida nas suas próprias forças naturais, sujeita à ignorância, ao sofrimento e ao império da morte, e inclinada ao pecado”[7]. E como ninguém pode deixar como herança o que já não possui, Adão e Eva não puderam deixar-nos o que eles perderam: aquele estado de santidade e justiça original, e uma natureza sem corrupção. Transmitiram-nos a sua natureza como ela era naquele momento: ferida pelo pecado. É por isso que Santo Agostinho escreveu: “é que deles nada podia nascer diferente deles. Realmente, a magnitude da sua falta acarretou uma sanção que alterou para pior a sua natureza: o que não passava de uma pena para os primeiros homens

pecadores, tornou-se natureza para todos os seus descendentes”[8].

Assim, o pecado original é a causa do estado em que nos encontramos pela má herança recebida e, como afirma o Catecismo, “o pecado original não tem, em qualquer descendente de Adão, caráter de falta pessoal”[9]. Mas todos nós viemos ao mundo afetados pelas suas consequências: uma certa ignorância na inteligência, uma vida marcada pelo sofrimento, subordinados ao império da morte, a vontade inclinada ao pecado e as paixões desordenadas. Qualquer pessoa tem experiência dessa desagregação, dessa incoerência, dessa fraqueza interna.

Quantas vezes já nos propusemos algo que depois não fizemos: fazer uma dieta necessária para a saúde, dedicar diariamente um tempo para aprender uma língua, tratar os filhos com mais doçura, não se aborrecer

com os pais ou o cônjuge, não reclamar do trabalho, ajudar uma pessoa pobre ou doente, acompanhar com generosidade os mais vulneráveis, falar bem dos outros e alegrar-nos com os seus sucessos, olhar para o mundo e para as pessoas com um coração limpo... Sem mencionar as situações em que fazemos exatamente o que não queremos: deixamo-nos levar por uma explosão de ira injustificada, sucumbimos à preguiça em vez de servir com amor, desculpamo-nos com uma mentira para não ficar mal, cedemos à curiosidade na internet...

Experimentamos também a tirania do desejo que, buscando com veemência um bem aparente, particular e limitado (um prazer, um privilégio, o poder, a fama, o dinheiro, etc.), arrasta na sua direção uma vontade enfraquecida, e a desvia do bem íntegro e verdadeiro da pessoa (a felicidade, a vida com

Deus) que deveria perseguir. Da mesma forma, a inteligência, luz para indicar o verdadeiro fim, fica obscurecida e corre o risco de se tornar um simples instrumento para obter o que uma vontade escravizada pelo desejo já tinha decidido procurar.

Mas nem tudo é amaldiçoado no ser humano, longe disso. A natureza humana não está totalmente corrompida, conserva a sua bondade essencial. Nós viemos ao mundo com as “sementes” de todas as virtudes, chamados a desenvolver-nos com a ajuda dos outros, com o exercício da nossa liberdade e com a graça de Deus. Na verdade, a virtude corresponde mais ao que verdadeiramente somos do que o pecado, porque este último é sempre um ato contra a natureza, um “ato suicida” [10]. Bento XVI expressava-o assim: “Diz-se: "mentiu", "é humano"; "roubou", "é humano"; mas não é este

o verdadeiro ser humano. Humano é ser generoso, é ser bom, é ser homem da justiça”[11].

Da escravidão à libertação

Na raiz de todo o pecado está uma dúvida sobre Deus, a suspeita de que talvez não nos ame ou não nos possa fazer felizes: ‘É tão bom como diz ser? Não estará a enganar-nos?’ «É verdade ter-vos Deus proibido comer o fruto de alguma árvore do jardim?» (*Gen 3,1*), diz a serpente a Eva. E quando ela responde que não é assim, que somente estão proibidos de comer da árvore que está no meio do jardim para não morrer, a serpente semeia o veneno da desconfiança no seu coração: ‘Não, não morrereis; porque Deus sabe que, no dia em que o comerdes, abrir-se-ão os vossos olhos e sereis como Deus, ficareis a conhecer o bem e o mal’.» (*Gen 3,4-5*). Na verdade, por trás dessa falsa promessa de

liberdade infinita, de autonomia absoluta da vontade (impossíveis para uma criatura), esconde-se uma grande mentira. Porque ao tentar arranjar-nos por nossa conta, sem nos apoiarmos em Deus, aparece o cortejo do mal, que nos escraviza e nos prende porque nos impede de ser felizes com Deus.

O pecado pode aparecer porque somos livres, ele vive dessa liberdade, mas acaba por matá-la. Promete muito, mas dá apenas dor. É um engano que nos converte em “escravos do pecado” (*Rom 6,17*). Por isso: “o mal não é uma criatura, mas assemelha-se a uma planta parasita. Vive do que tira dos outros e no fim mata-se, como faz a planta parasita quando toma posse de seu hospedeiro e o aniquila”[12].

O pecado entrou na humanidade por um exercício errado da liberdade, porém o remédio para ele e o começo

de uma nova vida também entraram por uma decisão livre. O “faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1, 38), que Nossa Senhora pronunciou de uma forma totalmente livre, abre uma nova etapa na história, a plenitude dos tempos.

Assim, o Filho de Deus desceu à terra para entregar a sua vida num ato supremo de liberdade, por estar originado no amor: «Meu Pai, se é possível, afaste-se de mim este cálice. No entanto, não seja como Eu quero, mas como Tu queres.» (Mt 26,39). E agora isso eleva-nos, para que possamos responder – porque queremos de verdade – a esse convite para viver a “gloriosa liberdade dos filhos de Deus” (Rom 8:21).

É justamente com a nossa liberdade de filhos de Deus que podemos voltar a deixar-nos olhar e curar pelo Senhor, dirigindo-nos com

humildade a Ele, que nos renova interiormente com a Sua graça. Aprendemos assim que “a vontade de Deus não é para o homem uma lei imposta a partir de fora, que o obriga, mas a medida intrínseca da sua natureza, uma medida que está inscrita nele e que o torna imagem de Deus e, assim, criatura livre”[13]. Na verdade, Deus é o fiador da nossa liberdade. É livre quem se deixa amar por Deus, quem não desconfia, quem acredita no Seu Amor. Com a fé desaparecem os limites impostos pela dúvida, falsidade, cegueira e a falta de sentido. Com a esperança, derrubam-se o medo, o desânimo, a inquietação e a culpa que nos infernizam. Com a caridade, deixamos para trás o egoísmo, a ganância, a auto-referência, as frustrações e a amargura que reduzem a medida da nossa vida.

A graça de Deus

S. João Paulo II escreveu no seu último livro que “a redenção é o limite divino imposto ao mal pela simples razão de que nele o mal é radicalmente derrotado para sempre pelo bem, o ódio pelo amor, a morte pela ressurreição”[14]. A resposta de Deus aos nossos pecados é a Encarnação e Redenção de Nosso Senhor Jesus Cristo. “Jesus Cristo foi entregue pelos nossos pecados” (*Rom 4:25*), afirma São Paulo. Ele nos reconcilia com Deus, liberta-nos da escravidão do pecado e concede-nos o dom da graça: “é o dom gratuito que Deus nos dá para nos tornar participantes da sua vida trinitária e capaz de agir por amor d’Ele.”[15]. Não devemos acostumar-nos a esta realidade: a graça é um dom imerecido, uma participação na vida divina, introduz-nos na intimidade amorosa de Deus e torna-nos capazes de agir de uma nova maneira: como filhos de Deus.

A graça é muito mais abundante do que o pecado: “onde abundou o pecado, superabundou a graça” (*Rom* 5,20). E muito mais forte. Num famoso romance literário, a protagonista vai ao confessionário e, uma vez lá, manifesta o seu pecado qualificando-o como muito grave. A resposta que ouve do confessor é esta: “Não, minha filha” – dizia com calma e quase friamente –, “não ofendeu a Deus mais gravemente do que uma infinidade de pessoas: seja humilde mesmo na confissão do seu pecado! Grande, na sua vida, foi apenas a Graça. Somente a Graça é sempre grande. O pecado em si, o seu próprio pecado, é pequeno e comum”[16]. Por isso S. Josemaria podia afirmar: “O nosso Pai do Céu perdoador qualquer ofensa quando o filho volta de novo até Ele, quando se arrepende e pede perdão. Nosso Senhor é tão verdadeiramente Pai, que prevê os nossos desejos de sermos perdoados e se adianta com a

Sua graça, abrindo-nos amorosamente os braços.”[17]. Uma graça que nos é concedida abundantemente na oração e nos sacramentos. E que é recuperada no sacramento da Penitência[18] se a perdemos pelo pecado grave.

Um dos hinos da Liturgia das Horas diz: “Cura, Senhor, com o orvalho da tua graça, as feridas da nossa alma doente, para que, sufocando os maus desejos, deplore os seus pecados com lágrimas”[19]. A Graça cura as feridas do pecado na nossa alma: identifica a vontade humana com a Vontade Divina por meio do amor de Deus, ilumina a inteligência através da fé, ordena as paixões ao verdadeiro fim do homem e submete-as à razão, etc. Numa palavra: é o remédio de todo o nosso ser. Resumindo: “Não há nada melhor no mundo do que estar em graça de Deus”[20].

Talvez algumas pessoas se perguntem: “Se a graça de Deus é tão poderosa, por que não tem efeitos mais decisivos sobre as pessoas?”. *Tropeçamos* de novo com o mistério da liberdade humana. A graça “precede, prepara e suscita a resposta livre do homem.”[21], mas não força essa liberdade. “Quem te criou sem ti não te salvará sem ti”[22], sentenciou Santo Agostinho. Temos à nossa disposição uma central nuclear com milhares de megawatts, mas temos que ligar a rede da nossa casa, se quisermos que essa energia nos ilumine, aqueça e sirva de proveito. Temos que receber a graça com humildade, gratidão e arrependimento dos nossos pecados e lutar com amor para seguir humildemente os seus impulsos. Sem nunca perder de vista, como o Papa Francisco nos lembra, que “esta luta é magnífica, porque nos permite cantar vitória todas as vezes que o Senhor triunfa na nossa vida.”[23].

Vamos evitar assim, todos os sinais de voluntarismo, conscientes da absoluta prioridade da graça na nossa vida.

Mas acontece que, além disso, “nesta vida, as fragilidades humanas não são curadas, completamente e duma vez por todas, pela graça”[24]. “A graça, precisamente porque supõe a nossa natureza, não nos faz improvisamente super-homens. Pretendê-lo seria confiar demasiado em nós próprios (...). Porque se não reconhecemos a nossa realidade concreta e limitada, não poderemos ver os passos reais e possíveis que o Senhor nos pede em cada momento, depois de nos ter atraído e tornado idóneos com o Seu dom. A graça atua historicamente e, em geral, toma-nos e transforma-nos de forma progressiva. Por isso, se recusarmos esta modalidade histórica e progressiva, de facto podemos chegar a negá-la e bloqueá-la,

embora a exaltemos com as nossas palavras.”[25]. Deus é delicado e respeitoso connosco. Assim refletia o cardeal Ratzinger certa vez: “Creio que Deus irrompeu na história de uma forma muito mais suave do que gostaríamos. Mas essa é a resposta para a liberdade. E se queremos e aprovamos que Deus respeite a liberdade, devemos respeitar e amar a suavidade das Suas mãos”[26], que é o mesmo que amar a suavidade da Sua graça.

José Brage

* * *

Bibliografia sobre o pecado e a graça

Leituras recomendadas:

- *Catecismo da Igreja Católica* n^{os} 374-421 1846-1876 e 1987-2029.

- *Compêndio do Catecismo da Igreja Católica*, n^os. 72-78 e 422-428.

- *S. João Paulo II*, Exort. Ap. *Reconciliação e Penitência* (2-XII-1984).

- Concílio Vaticano II, Constituição pastoral “*Gaudium et spes*” (7-XII-1965), n^os. 13 e 37.

- Bento XVI, *Homilia* (8-XII-2005); *Discurso aos alunos do Colégio Universitário Santa Maria de Twickenham*, Londres, 17-IX-2010; *Encontro com os párocos da diocese de Roma*, 18 de fevereiro de 2010.

- Francisco, Exort. Ap. *Gaudete et exsultate* (19-III-2018), n^os. 47-62 e 158- 165. *Palavras na visita a Auschwitz*, 29 de agosto de 2016. *Palavras da janela da sede da Arquidiocese de Cracóvia*, 29 de agosto de 2016.

* * *

- Joseph Ratzinger, *Criação e pecado; Deus e o mundo*, “Sobre a criação”.

- Santo Agostinho, *A Cidade de Deus*, Livros XIII e XIV: “A morte como pena do pecado” e “O pecado e as paixões”.

- Santiago Sanz, A elevação sobrenatural e o pecado original em "Resumos da fé cristã", tema 7

- Juan Luis Lorda, *Antropologia teológica*, EUNSA, Barañáin 2009, pag. 287-438.

* * *

- Ronald Knox, *A torrente oculta*.

-Thomas Merton, *A montanha dos sete patamares*.

- Dante Alighieri, *A Divina Comédia* (tradução de Vasco Graça Moura), Quetzal Editores, Lisboa 2013

- Evelyn Waugh, *Reviver o passado em Brideshead*, Ed. Relógio d'Água, Lisboa 2002

[1] DANTE ALIGHIERI, *Divina comédia*, Inferno, Canto I, 1-3.

[2] *Catecismo da Igreja Católica*, nº 374.

[3] *Catecismo da Igreja Católica*, nº 400.

[4] Convém aqui entender bem o conceito de analogia: é a relação de semelhança entre coisas diferentes. Aplicado ao nosso caso: A queda original tem semelhança com o pecado, mas é diferente do pecado original.

[5] *Catecismo da Igreja Católica*, nº 404.

[6] KNOX, R., *A torrente oculta*.

[7] *Catecismo da Igreja Católica*, nº 405.

[8] SANTO AGOSTINHO, *A Cidade de Deus*, Livro XIII, III, 1.

[9] *Catecismo da Igreja Católica*, nº 405.

[10] S. JOÃO PAULO II, Exort. Ap. *Reconciliação e Penitência* (2-XII-1984), nº 15.

[11] BENTO XVI, *Encontro com os párocos da diocese de Roma*, 18-II-2010.

[12] RATZINGER, J., *Deus e o mundo*

[13] BENTO XVI, *Homilia*, 8-XII-2005.

[14] S. JOÃO PAULO II, *Memória e Identidade*, 2004 , nº 15.

[15] *Compêndio do Catecismo da Igreja Católica*, nº 423.

[16] LE FORT, G. Von, *El velo de Verónica*, Encuentro, Madrid 1998, p. 314.

[17] S. JOSEMARIA, *Cristo que passa*, nº 64.

[18] Cf. *Compêndio do Catecismo da Igreja Católica*, nº 310.

[19] Hino latino de Vésperas da terça-feira da XXV semana do Tempo Comum.

[20] S. JOSEMARIA, *Caminho*, nº 286.

[21] *Compêndio do Catecismo da Igreja Católica*, nº 425.

[22] *Sermão* 169, 13.

[23] FRANCISCO, Ex. Ap. *Gaudete et exsultate* (19-III-2018), nº. 158.

[24] *Ibidem*, nº 49.

[25] *Ibidem*, nº 50.

[26] RATZINGER, J., O sal da terra.

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de [https://
opusdei.org/pt-pt/article/o-caminho-da-
libertacao-do-pecado-a-graca/](https://opusdei.org/pt-pt/article/o-caminho-da-libertacao-do-pecado-a-graca/)
(26/03/2025)